8 1 (2006)

Ficção Autobiográfica e Autobiografia Ficcional

- Menino de Engenho e Meus Verdes Anos de José Lins do Rego

JAE MIN CHUNG( )

<Abstract>

:

José Lins do Rego estreou em 1932 com Menino de Engenho, romance, e escreveu por último, em 1956 – um ano anterior do seu falecimento, Meus Verdes Anos, memórias. É curioso saber que as duas obras são, apesar do intervalo longo, gêneros narrativos bem semelhantes tanto no tempo e espaço (infância e engenho de açúcar) quanto na matéria narrativa (memórias). Meus Verdes Anos é autobiográfica, como o próprio autor afirma no prefácio da mesma obra, em que tentou narrar a infância "sem disfarces retóricos" e "sem recobrir uma realidade", enquanto Menino de Engenho é uma ficção autobiográfica. O propósito deste estudo é, entretanto, não determinar os limites perigosos entre as duas formas literárias, mas esclarecer, através da análise comparada, algumas relevantes diferenças narrativas entre elas. Depois da análise, compreende-se que a matéria bruta de Meus Verdes Anos levou a produzir a 'ficção autobiográfica' lapidada pela imaginação de Menino de Engenho que, em comparação com a referida autobiografia, se caracteriza da seguinte forma: 1) Foco narrativo sobre os fatos amplificados pela imaginação e pela flexibilidade técnica, dando o ritmo à narração; 2) Presença explícita do narrador no tempo da enunciação em relação íntima com o tempo passado; 3) Predominância

da causalidade em função da análise e da verossimilhança na reflexão sobre a realidade; 4) Subjetividade narrativa desenvolvida pela emoção psicológica e nostálgica voltada para o tempo e para o espaço da memória.

[Key Words: Ficção / Autobiografia / Memórias / Foco narrativo / Ritmo narrativo]
[: / / /]

A linha da interpretação da memória como um recurso de procura da continuidade e da identidade subjetiva pode ser estendida até boa parte da Literatura Brasileira. Essa tendência mantém sua presença durante quase todo o tempo na história literária brasileira, embora com características diversas. É legítimo afirmar-se que se trata de um dos componentes mais produtivos da literatura brasileira. Veja-se o caso de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e, mais recentemente, Pedro Nava.

Mas, é interessante, por outro lado, observar que, em particular, o próprio Modernismo deu um impulso forte para acelerar a ascensão do memorialismo, que por extensão trata da autobiografia. A proclamação modernista resumida pela negação do passado convencional e pela proposta de abertura de novos caminhos na literatura evocou a necessidade de um tipo particular de retomada e reorganização do passado que, para os renovadores, teria a ver com uma visão mais interna do passado, o que exigiria não apenas uma incursão peculiar, mas também uma expressão adequada: portanto, havia a exigência de uma novidade nessa retomada do passado.

Embora já houvesse desenvolvida uma certa tradição memorialista desde

o período do romantismo, é certo que a visão do passado até então era uma visão que se poderia considerar até certo ponto estereotipada, coincidindo mais com uma recuperação saudosista do tempo sem acrescentar uma análise mais aprofundada ou mais diferenciada do tempo retomado. Influenciado pela repercussão ou pela reação da proclamação modernista, o Regionalismo do Nordeste também encaminhou-se à procura do tempo perdido, abandonado e desvalorizado da sua região e do seu povo.

Goethe denominou as suas memórias "Dichtung und Wahrheit" (Poesia e Verdade) que, segundo a interpretação de H. Meyerhoff, significaria duas dimensões envolvidas na reconstrução literária de uma vida. A primeira seria "um modelo subjetivo de associações significativas" (Poesia/Ficção) e a segunda, "uma estrutura objetiva de eventos biográficos e históricos verificáveis[1)] (Verdade)". Embora se aplicasse a qualquer obra de vida, esse entendimento da obra memorialista nos ofereceria alguma chave de análise de duas obras do escritor paraibano: Menino de Engenho e Meus Verdes Anos.

Escolhemos essas duas obras porque elas possuem como elemento comum a memória e, através de uma análise comparada, julgamos poder decifrar as questões sobre o tempo e a memória, e, por conseqüência, compreender seu funcionamento estrutural possivelmente dilatado no cido da cana-de-açúcar de José Lins do Rego.

Apesar de haver alguns elementos ficcionais em Meus Verdes Anos, esta obra é autobiográfica como se vê no seu sub-título "Memórias"[2)], enquanto Menino de Engerho é uma ficção memorialista.

O propósito deste estudo é, porém, não determinar os limites perigosos

---

1) (Meyerhoff 1976, 24-25)

2) Sobre a sua tentativa de fazer uma pura memória da infância, José Lins do Rego diz no prefácio de Meus Verdes Anos: "Pus nesta narração o menos possível de palavras para que tudo corresse sem os disfarces retóricos. E assim não recorri às imagens poéticas para cobrir uma realidade, às vezes brutal." (José Lins do Rego, Ficção Completa, vol. II, 1987, 1163)

entre as duas formas literárias, mas esclarecer alguma diferença narrativa em relação ao tempo e a memória. Isto encarado como tendências que, daí, nós poderíamos estender a outros romances do mesmo autor. Uma breve análise permitirá o levantamento de hipóteses centrais a serem projetadas para os outros textos do mesmo autor.

A maior parte das paisagens, dos eventos e até dos personagens da obra ficcional aparece também na autobiografia. Entre esses repetidos eventos se destaca a imagem do rio Paraíba. O rio exerce o seu papel importante como cúmplice nas cenas e histórias de que o narrador se aproveita, com eficácia, para possibilitar aos leitores uma visão global do mundo do engenho. Ele aparece como objeto de pavor incitado pela enchente e pela seca, ou como símbolo que representa a natureza do engenho com máxima intimidade entre os personagens. Nas águas do rio e nos poços formados à sua margem, os meninos da casa-grande misturam-se com os moleques, os filhos de 'gentalhas de eito', num companheirismo em que desaparecem as diferenças de classe. Vejam-se os dois trechos:

1o trecho

O rio Paraíba corria bem próximo ao cercado. Chamavam-no "o rio". E era tudo. Em tempos antigos fora muito mais estreito. Os marizeiros e as ingazeiras apertavam as duas margens e as águas corriam em leito mais fundo. Agora era largo e, quando descia nas grandes enchentes, fazia medo. Contava-se o tempo pelas eras das cheias. Isto se deu na cheia de 93, aquilo se fez depois da cheia de 68. (.....)

Vinham cargueiros do outro lado pedindo passagem. (.....) Ouvia então a conversa dos estranhos. Quase sempre eram aguardenteiros contrabandistas que atravessavam, vindos dos engenhos de Itambé

com destino ao sertão. Falavam do outro lado do mundo, de terras que não eram de meu avô. (.....) Não disse nada. Apenas a viagem malograda me deixou alarmado. Fiquei com medo da canoa e apavorado com o rio. Só mais tarde é que voltaria ele a ser para meu mestre de vida. (grifos nossos. MVA, VIII, 1175-6)[3)]

2o trecho

Há oito dias que relampejava nas cabeceiras. Meu avô ficava de noite por muito tempo a espreitar o abrir rápido do relâmpago. (.....)

Lá um dia, para as cordas das nascentes do Paraíba, via-se, quase rente do horizonte, um abrir longínquo e espaçado de relâmpago: era inverno na certa no alto sertão. O rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto (.....) Com a notícia dos relâmpagos nas cabeceiras, entraram a arrancar as batatas e os jerimuns das vazantes. (.....) A notícia corria de boca em boca. No engenho era no que se falava. A canoa já estava calafetada e pintada de novo. Nós todos dormíamos pensando na cabeça da cheia que não tardaria. Eu aguardava com uma ansiedade de medonha essa cheia de que tanto se falava. No Recife, vira o Capibaribe nos seus dias de enchente, coberto de balsas, mas o Capibaribe vivia todos dias a encher e a vazar com as marés. Por isto pensava tanto na cheia do Paraíba, como em coisa inédita para mim.

(.....)

--- A cheia vem no engenho de Seu Lula!

(.....)

--- Olha a cheia! Olha a cheia!

(.....)

Com a noite, um coro melancólico de não sei quantos sapos roncava siristamente, como vozes que viessem do fundo da terra, cavada de seus confins pela verruma dos redemoinhos.

(.....)

Não sei por que, eu tinha vontade que o rio continuasse a encher, a entrar por toda parte com as suas águas sujas. Queria ver os baús

---

3) De agora em diante, a referência das obras entre parênteses será feita pelas abreviaturas MVA por Meus Verdes Anos; ME, Menino de Engenho; MR, O Moleque Ricardo; FM, Fogo Morto. O número romano significará o do capítulo e o arábico, o da página, todos citados de Ficção Completa (vol. I e II. op. cit.)

> nadando dentro de casa. A minha tia Maria ficava com as negras no quarto do oratório a rezar.
>
> (.....)
>
> --- O que vale é a saúde e a proteção de Deus --- diziam sempre. Mas, coitados, com que saúde e com que Deus estavam eles contando!
>
> (grifos nossos, ME, XIII, 68-74)

O narrador autobiográfico no primeiro trecho mantém sua visão, tanto espacial como temporal, bem mais fechada e limitada do que a visão ficcional no segundo trecho. Através de uma rápida pincelada, o foco narrativo no primeiro limita-se apenas ao do narrador, enquanto no segundo amplifica-se, até aos de outros personagens. O próprio narrador ficcional refere-se à experiência de ver a cheia do rio Capibaribe e, através da fala do episódio reflexivo do avô, comunica-se a enchente de "75" (ME, XIII, 70).

A narração do primeiro situa-se, portanto, num prisma mais objetivo do que a do segundo. Embora o tempo narrado varie ("corria" "fora" "agora, era") no primeiro, ele indica um tempo de contornos indefinidos. O advérbio temporal, o "agora" não significa, aqui, o indicativo de um momento concretizado do tempo narrado porque trata apenas de uma das cheias e sua decorrência em certo momento.

Essa referência ao tempo narrado no segundo trecho mostra-se mais definida e tecnicamente mais clara. Iniciado por um dia em que "há oito dias que relampejava nas cabeceiras [e] meu avô ficava a espreitar o relâmpago", o tempo narrado aponta para uma referência mais reflexiva sobre o rio no verão, sobre a vida do povo do engenho e sobre a paisagem, tudo relacionado ao rio. Depois o tempo narrado escorre sinuosamente para a volta ao tempo capturado no começo do parágrafo: "Com a notícia dos relâmpagos nas cabeceiras, entraram a arrancar..." Eles "entraram" (não "entravam") "a arrancar as batatas e os jerimuns das vazantes". O tempo narrado, daí, começa a dedicar-se a um evento passado específico, densamente focalizado.

Essa técnica de construção da focalização acentua no segundo trecho um certo ritmo narrativo. Na análise feita acima, chamamos a atenção para a mudança da focalização temporal num só parágrafo em que predomina a reflexão sobre o rio no verão. Com a narração mais densa e detalhadamente dramática sobre a cheia do rio no inverno, a descrição paisagística e saudosa do rio seco forma um bom contraste cênico. Esse contraste destaca-se também em justaposições dos gritos dos meninos durante o dia com os roncos sinistros dos sapos durante a noite; da vontade estranha do "eu" de querer ver a cheia sujar tudo com a tia Maria rezando no oratório; da alegria dos canoeiros e dos aguardenteiros com a tristeza do resto do mundo cheio de lama depois da enchente. Essa contrastenação realizada através da reflexão é a base do ritmo narrativo.

Quanto a esse ritmo narrativo, a flexibilidade do tempo é bastante clara no segundo trecho, ao passo que no primeiro o ritmo mostra-se simples, monótono e regular, atribuindo quase o mesmo "peso", o mesmo "compasso" e a mesma "medida" tanto para o rio normal quanto para o rio enchente. O tempo no segundo trecho complica-se irregularmente, saltando do tempo narrado para o tempo anterior ao narrado, do tempo narrado para o tempo da narração e vice-versa.

Em ambos os capítulos sobre o rio Paraíba, o tempo da narração manifesta-se desigualmente. A sua tendência e o seu efeito são bem diferentes. A última frase do primeiro trecho convocada pelo presente da enunciação tem como função avaliar o episódio sobre o rio[4]). Ao contrário, a intrusão do narrador pelo presente da narração fica no segundo trecho ficcional mais forte do ponto de vista do ritmo narrativo. Três vezes manifestada em um só capítulo, a "pausa" provocada pelo tempo da enunciação puxa ou empurra a memória e relaxa ou intensifica o enredo, dando o ritmo à própria narração.

---

4) Este episódio é aquele em que o "eu" personagem e o moleque Ricardo foram salvos do desastre da canoa pelo Zé Guedes. Apesar da possibilidade de ser dramatizado, o acontecimento não passa de uma digressão rápida e seca.

Essa contingência da manifestação do tempo da enunciação na narrativa de primeira pessoa justifica, segundo o dizer de Jean Pouillon[5], o distanciamento vencido entre o narrador e o "eu" personagem.

Dessa observação das diferenças entre dois trechos, o uso do tempo da narração possibilita compreender outras características. O primeiro trecho é narrado com menos referência ao presente da enunciação: o narrador mantém a distância com o próprio personagem "eu", mais longe que o do segundo trecho em que a contingência se mostra bem mais forte. O tratamento narrativo do "eu" no segundo trecho é bem mais emocional e, por conseqüência, mais subjetivo do que no primeiro trecho. Por conta da diferença dos vocábulos emocionais usados nos dois trechos, o processo psicológico do "eu" narrador no segundo torna mais clara a compreensão da própria subjetividade. A curiosidade do "eu" personagem de ver a cheia do rio que "aguardava com uma ansiedade medonha" e a "vontade de que o rio continuasse a encher" manifestam nuances psicológicas, misteriosas e indecifráveis pelo próprio narrador. Assim, quanto mais emocional e psicológico é o narrador do segundo trecho, tanto mais perto fica ele do "eu" personagem e, ao mesmo tempo, assume mais a sua subjetividade do que o primeiro narrador que é, como vimos, mais objetivo.

Além da relação do narrador com o "eu" personagem temporalmente distante, essa caracterização diferenciada dos dois trechos apresenta-se em outros elementos: primeiro, na relação entre o narrador com os demais personagens e segundo, na relação entre os personagens[6].

No primeiro trecho, a narração sobre o rio desdobra-se muito dependente das falas de outras pessoas indefinidas (não personificadas): "contava-se", "ouvia então a conversa dos estranhos", "falavam do outro lado do mundo", acompanhando os acontecimentos reais: "cheia de 93" e de "68". Atrás dessa observação distante, o narrador se oculta, tentando garrhar alguma

---

5) (Pouillon 1974, 116)

6) Booth (1970) aponta até o distanciamento entre o narrador e o leitor, mas em ambas as obras (MVA e ME) não se manifesta claramente o caso.

objetividade narrativa.

No segundo, o "eu" personagem envolve-se no enredo, diminuindo a distância com os demais personagens. Assim, o processo de conhecimento sobre o rio Paraíba é construído através da reflexão própria e do próprio envolvimento da memória do "eu" personagem-narrador.

Observando bem os comentários convocados no tempo da enunciação, o narrador no segundo trecho é mais explícito e valorativo. Isto significa que a presença do elemento e o sujeito da narração são frequentemente influenciados pelo passado, porque algum elemento da memória provoca o comentário e a avaliação do acontecido com que o narrador mantém íntima e constante ligação. Veja-se essa referência valorativa: "Mas, coitados, com que saúde e com que Deus estavam eles contando!". Apesar da ausência do verbo indicativo do presente, essa voz deve ser a do próprio narrador devido a sua pontuação exclamativa sem hífen e ao seu sentido avaliativo que é impossível considerar ser a de outros personagens.

E, por outro lado, podemos observar uma certa impossibilidade do narrador de modo inteligível em relação ao "eu" personagem no tempo narrado: "não sei porque, eu tinha...". O que significa essa auto-referência suspeita a si próprio? Seria uma simples amnésia do narrador provocada pela "confessada distância temporal"[7] que dificulta a compreensão da sua própria infância? Não. Essa relação entre o "eu" personagem menino e o presente narrado significaria uma constante tentativa de buscar o tempo perdido da infância. Por essa razão, a distância entre o narrador e o "eu" personagem seria uma evocação à procura da identidade de si próprio através da dúvida e da sua análise.

Podemos ressaltar também as diferenças narrativas entre as duas obras em relação a eventos. São episódicos os eventos das duas obras constituídas pelo mesmo mecanismo, a memória. Cada capítulo parece possuir sua

---

7) Mendilow explica que a essência do romance auto-biográfico "é ser retrospectivo e haver uma 'confessada distância temporal' entre o tempo ficcional e o tempo em que registra os eventos". (Mendilow 1972, 121).

autonomia diferente de outros como se fossem retratos que nos dão uma impressão visual[8] das velhas fotografias da infância.

A pura memória autobiográfica em Meus Verdes Anos manifesta-se pela tendência mais forte de deixar os eventos fragmentados, ao passo que em Menino de Engenho a memória refinada pelo narrador mantém constantemente, embora muitas vezes imperceptível e implicitamente, a sua tentativa de ligar as lembranças despedaçadas pela distância temporal entre o tempo narrado e o da narração.

Comparemos essa diferença narrativa entre duas obras, através da abordagem em redor de um tema (ou um episódio) principal, a morte, cuja importância se manifesta no desdobramento de ambas as narrativas.

A narração reflexiva na autobiografia refere-se no primeiro capítulo a três mortes: a do primo Gilberto, a da prima Lili e a da mãe. Embora aqui exista a presença do narrador emocional (no tempo da enunciação), a narração caracteriza-se como simples e reduzida, tudo com base na memória objetiva, influenciada pelas referências de outras pessoas. O processo de conhecimento da morte desenvolve-se não através da própria experiência, mas sim através do apoio do exterior. Com a morte da prima Lili, "má dor entrava pela alma" porque "já sabia o que era a morte". "As negras falavam: 'Dona Amélia morreu de menino nascido morto'. 'Seu Gilberto morreu de dor de lado' ".(MVA, I, 1166). Apesar de uma certa linearidade temática, --- uma espécie de "jogo de palavras" pegando rabo a rabo os vocábulos (ou os episódios) --- a narrativa de Meus Verdes Anos caracteriza-se por ser não analítica, oferecendo pouca causalidade que possa ligar os eventos independentes, tornando-se uma simples citação dos fatos acontecidos.

Na narrativa ficcional Menino de Engenho, a morte da mãe ocupa os primeiros três capítulos, sendo cada um diferentemente focalizado: o primeiro capítulo é a cena da morte da mãe assassinada pelo pai, o segundo,

---

8) W. Benjamin aponta, na análise da obra de Proust, a predominância visual na rememoração do passado. (Benjamin 1987)

a reflexão sobre o pai e o terceiro a memória da mãe. Existe também a predominância da visualização[9] dos eventos passados. A sua ressonância, porém, é mais forte do que na autobiografia, devido à participação do próprio narrador.

Tal como foi analisada acima, a voz do narrador no tempo da narração caracteriza-se como comentário e avaliação. Nesse sentido, a observação da presença do sujeito e dos elementos anunciadores em redor do tema da morte pode nos ajudar a compreender melhor sua característica analítica, porque a voz do narrador no tempo da narração indica certa influência do passado.

A incredibilidade e incompreensão da memória do crime faz o narrador refletir sobre o pai:

> Parece que o vejo quando saía de casa com os soldados, no dia do seu crime. Vim a compreender com o tempo, porque se deixara levar ao desespero. O amor que tinha pela esposa era o amor de um louco. (ME, II, 55)

Na reflexão sobre a fisionomia da mãe, o narrador afirma o seguinte:

> A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Por que teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino de visões ruins. (ME, III, 56)

Essas duas reflexões seguidas ao evento da morte da mãe constituem uma tentativa de analisar o primeiro episódio traumático da infância do narrador. Ao compreender, com o tempo, a loucura do pai assassino, o narrador reclama da fatalidade cega e injusta da morte da mãe, prevendo o

---

9) Nos três primeiros capítulos de Menino de Engenho aparecem os verbos indicativos da visualização ("ver", "olhar" etc.) oito vezes e, só no primeiro capítulo, cinco vezes.

"futuro do passado" do "eu" personagem em que seria "melancólico", "meio cético" e "atormentado de visões ruins". Aí, existem os motivos que concatenam as reflexões dos retratos diferentes, mas intimamente interligados. Assim, a narrativa ficcional manifesta o desenvolvimento e a dilatação de um evento, provocados pelo trabalho da memória, produzindo os nexos causais que explicam o próprio passado.

Assim, se na autobiografia o passado resulta em fragmentos sem relação causal, na ficção memorialista o narrador ao reconstruir o passado tenta descobrir uma espécie de lógica explicativa de sua própria vida. Essa caracterização da ficção sugere outra diferença entre as duas formas literárias do ponto de vista de um certo compromisso com o leitor[10].

Meus Verdes Anos, como pura memória, tem seu compromisso de trazer uma visão mais direta para contar o acontecido real e menos interpretado em comparação com Menino de Engenho que, como ficção memorialista e autobiográfica, tem o compromisso com o leitor de juntar, imaginar e recriar as lembranças dispersas e fragmentadas para produzir a causa e o seu efeito, isto é, a verossimilhança. Nesse sentido, Meus Verdes Anos revela-se mais documental do que Menino de Engenho.

Apesar da manutenção do tom triste e melancólico manifestado por nuances psicológicas e pela avaliação do próprio narrador, a narração emocional de Menino de Engenho se destaca de modo geral por sua visão nostálgica e mitificante voltada ao tempo e ao espaço da memória. Essa visão nostálgica ocupa quase toda a narração tanto em Meus Verdes Anos, quanto em Menino de Engenho, com a mesma diferença da oposição entre subjetividade e objetividade como já observamos acima. Na ficção memorialista e autobiográfica, essa predominância dos elementos nostálgicos e mitificantes mostra-se através da visão positiva de outros elementos que

---

10) Uma boa parte da narração em Meus Verdes Anos entendida como uma genealogia da família pode ser explicada deste ponto de vista comprometedor, pela dedicatória do autor: "Ao meu neto, José, para que este livro lhe seja, no futuro, uma lição de vida". (MVA, 1162).

completariam a experiência do "eu" personagem e que se referem ao quotidiano do engenho. Essa visão positiva contrasta com a visão melancólica que anotamos anteriormente ao referir-nos às nuances psicológicas, significadas pelos vocábulos: "tristes", "melancólico", "cético" etc. Superando a confessada distância temporal e espacial, o narrador "adulto" e o "eu" personagem identificam-se completamente nesse caso. Essa identificação acelera a valorização do mundo relativo ao engenho, dando uma impressão saudosa e mítica ao tempo passado e ao espaço perdido. Predominam aqui os elementos indicativos: "curioso", "maravilhoso", "glória", "alegre" etc., dispersos em quase todos os retratos sobre o engenho: o avô José Paulino, a paisagem, as histórias da velha Totonha e do lobisomem, o cargaço e a perversidade prematura.

Segundo nós analisamos, podemos compreender que a lembrança bruta[11] de Meus Verdes Anos levou a produzir a ficção autobiográfica amplificada, lapidada e refinada pela imaginação de Menino de Engenho que, em comparação com a referida autobiografia, se caracteriza da seguinte forma:

1) Foco narrativo sobre os fatos amplificados pela imaginação e pela flexibilidade técnica, dando o ritmo à narração.
2) Presença explícita do narrador no tempo da enunciação em relação íntima com o tempo passado.

---

11) A parte final de MVA mostra excepcionalmente características ficcionais. Projetada para um canário que 'eu' amava muito, mas fugiu da gaiola, a saudade dos "meus verdes anos" resume-se simbolicamente: "Vi-o furando o espaço e correndo para o mundo. Lá se fora ele com os cantos que enchiam de alegria as minhas madrugadas de asmático. Lá se perdia ele para sempre, assim estes meus verdes anos que em vão procuro reter". (MVA, XLVI, 1305)

3) Predominância da causalidade em função da análise e da verossimilhança na reflexão sobre a realidade.
4) Subjetividade narrativa desenvolvida pela emoção psicológica e nostálgica voltada para o tempo e para o espaço da memória.

Bibliografia Consultada

Rego, José Lins do (1987), Ficção Completa, Vol. I e II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Almeida, José Maurício Gomes de (1999), A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1875-1945), 2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks.

Andrade, Carlos Drummond de (1972), "José Lins", in Rego, José Lins do, Menino de Engenho, 17ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio.

Andrade, Mário de (1980), "O empalhador de Passarinho", in Rego, José Lins do, Fogo Morto, 20ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio.

Arrigucci Junior, Davi (1987), Enigma e Comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência, São Paulo: Companhia das Letras.

Athayde, Tristão de (1972), "Zé Lins", in Rego, José Lins do, Menino de Engenho, 17ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio.

Benjamin, Walter (1987), Magia e Técnica, Arte e Política, 3ª ed., trad. Barbosa, José Carlos Martins e Baptista, Hemerson Alves, São Paulo: Brasiliense.

Booth, Wayne Cane (1970), The Rhetoric of Fiction, 9th. ed., Chicago & London: The University of Chicago Press.

Bosi, Ecléa (1979), Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos, São Paulo: T. A. Queiroz.

Candido, Antonio (1987), A Educação pela Noite & Outros Ensaios, São Paulo: Ática.

Carpeaux, Otto Maria (1972), "O Brasileiríssimo José Lins do Rego" in Rego,

José Lins do, Fogo Morto, 11ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio.
Castello, José Aderaldo (1961), José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo, São Paulo: Edart.
Coutinho, Edilberto (1988), O Romance do Açúcar: José Lins do Rego, Vida e Obra, Brasília: José Olympio.
Coutinho, Eduardo F (1968), "A Relação Arte/Realidade em Fogo Morto" in _____ et alli, Ensaios sobre José Lins do Rego, João Pessoa: Fundação Espaço Cultural do Paraíba.
Farra, Maria Lúcia dal (1978), O Narrador Ensimesmado: O Foco Narrativo em Vergílio Ferreira, São Paulo: Ática.
Lubbock, Percy (1976), A Técnica da Ficção, trad. Cajado, Octavio Mendes, São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo.
Mendilow, Adam Abraham (1972), O Tempo e o Romance, trad. Wolf, Flávio, Porto Alegre: Globo.
Meyerhoff, Hans (1976), O Tempo na Literatura. trad Campello, Myriam, São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
Nunes, Benedito (1988), O Tempo na Narrativa, São Paulo: Ática.
Pouillon, Jean (1974), O Tempo no Romance, trad. Dantas, Heloysa de Lima, São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo.

: 2006 4 21
: 2006 5 22
: 2006 6 9

(Jung, Jae Min)
( )
E-mail: jaeminbr@gmail.com